

# ENTRE A ESCOLA E A VIDA: ANALISANDO PRÁTICAS DE LEITURA

Maria José Silva de Deus – UNIFAP<sup>1</sup>  
Martha Zoni – UNIFAP (orientadora)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho objetiva investigar o hábito de ler dos alunos de duas escolas do município de Macapá, sendo uma escola pública e uma privada e contou com a participação de quarenta e sete alunos e duas professoras de Língua Portuguesa. O referencial teórico foi pautado em autores que se ocupam da investigação sobre leitura, como Antunes (2003), Batista (2011), Canuto (2008), Cosson (2006), Kleiman (2007), Koch (2001), Machado (2014), PCN (1998) e outros que abordam o tema em questão. Para a coleta de dados, utilizou-se a ferramenta questionário, elaborado para os alunos e professores como participantes, que serviu de suporte para análise dos dados da pesquisa, com a elaboração de gráficos, que apontam o percentual e resultado de cada questão. Por fim, constatou-se que a leitura é desenvolvida na sala de aula, em casa, além de em outros lugares, por meio de vários instrumentos, como: livros, tanto impressos quanto eletrônicos, por meio da mídia informatizada, que passou a fazer parte do dia a dia das pessoas e principalmente, dos alunos.

**Palavras-Chave:** Escola. Leitura. Práticas de Leitura.

**RÉSUMÉ:** Cette étude a pour objectif d'étudier les habitudes de lecture d'élèves de deux écoles de la ville de Macapá, une publique et l'autre privée avec la participation de quarante-sept étudiants et deux professeurs de Langue Portugaise. La référence théorique était basée sur des auteurs qui étudient la recherche en lecture, tels que Antunes (2003), Batista (2011), Canuto (2008), Cosson (2006), Kleiman. Machado (2014), PCN (1998) et l'autres qui abordent le thème en question. Pour la collecte de données, l'outil de questionnaire, préparé pour les élèves et enseignants, a été utilisé pour appuyer l'analyse des données, avec l'élaboration de graphiques indiquant le pourcentage et le résultat de chaque question. Enfin, il a été constaté que la lecture est développement en classe, à la maison, ainsi qu'à d'autres endroits, grâce à divers instruments, tels que: des livres, imprimés et électroniques, par demi des supports informatisés, qui fais partie de la vie quotidienne des gens et en particulier des étudiants.

**Mots-Clès:** École. Lecture. Pratiques de Lecture.

## 1 Introdução

Este artigo tem como título “Entre a Escola e a Vida: Analisando Práticas de Leitura”. O tema “leitura” já faz parte da investigação de muitos pesquisadores, mas o objetivo principal deste trabalho é investigar a leitura dentro e fora da escola. Para esse pressuposto, no primeiro momento, buscou-se desenvolver o embasamento teórico encontrado em diversas mídias bibliográficas, como em livros, revistas e artigos de Internet, que foram decisivos para escrever sobre os conceitos, concepções e práticas de leitura na escola, pautados nas ideias de renomados autores, como Kleiman (2007), Martins (2006), Orlandi (1998), Machado (2000), Canuto

---

<sup>1</sup>Graduando em Licenciatura Plena em Letras Português-Francês, pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. Bacharel em Letras Tradutor Português/Francês, pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP. Especialista em Linguística Aplicada na Educação, pela Universidade Cândido Mendes. E-mail: maria.silvadedeus@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora Associada do Departamento de Letras, Artes e Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [mcfzoni@hotmail.com](mailto:mcfzoni@hotmail.com)

(2008) e tantos outros que se ocupam do estudo do tema em questão; pautou-se, também, em orientações oficiais como o PCN (1998).

Em seguida, para alcançar o objetivo proposto, foram elaboradas questões divididas em questionários para pesquisa em sala de aula, destinados aos alunos e às professoras de Língua Portuguesa, de 8º Ano, em duas escolas do município de Macapá-AP, sendo uma pública e uma particular, em que procurou-se averiguar o hábito da leitura dos alunos de 8º Ano das escolas pesquisadas. Batista (2011), diz que as práticas de leitura ocorrem principalmente no ambiente da sala de aula, reunindo significados e gêneros que são subsídios necessários para compor as esferas do mundo social e não somente aprender a ler.

As questões destinadas aos alunos versaram principalmente sobre o gosto pela leitura, compreensão e indicação de livros paradidáticos. As questões para as professoras referiram-se à formação acadêmica, objetivos, estratégias e metodologias utilizadas em sala de aula. Em seguida, de posse do material coletado, descreveu-se a metodologia aplicada na pesquisa e analisou-se as questões respondidas pelos alunos, inserindo gráficos para os resultados. Assim como foram analisadas as respostas dadas pelas professoras, que serviram de suporte para a elaboração do texto final da conclusão, contendo os resultados obtidos.

O presente trabalho, além desta Introdução e das Considerações Finais, está dividido nas seguintes seções: (i) *Leitura: conceito (s) e concepções*; embasam a seção os autores Kleiman (2007), Martins (2006), Koch e Elias (2011), Orlandi (1988); (ii) *Práticas de leitura e letramento*, recorreu-se a autores como Batista (2011), Ramos (2009), Cosson (2006), Leffa (1999); (iii) *Práticas de Leitura na Escola e os PCN<sup>s</sup>*. Nesta seção, além do documento oficial (PCN, 1998), trabalhou-se com os autores Canuto (2008), Van Dijk (1984), Antunes (2003); (iv) seção de Metodologia e Análise de Dados, é onde se concentra a descrição e reflexão acerca dos dados coletados na pesquisa de campo.

## **2 Leitura: conceito (s) e concepções**

De acordo com Kleiman (2007), leitura é um processo de apreensão e compreensão, em que o leitor utiliza o conhecimento prévio, isto é, o que ele já sabe em relação a todo o conhecimento adquirido ao longo de sua existência. A leitura vai ter sempre uma interação do autor com o leitor em diversos níveis de conhecimento. “Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (p. 13)”. A leitura é um processo de apreensão/compreensão de algum tipo de informação armazenada num suporte e transmitida mediante determinados códigos como a linguagem. O código pode ser visual,

auditivo e inclusive tátil, como o sistema Braille. Convém destacar que nem todos os tipos de leitura se apoiam em uma língua natural (português, francês, holandês, italiano e etc.). É o caso, por exemplo, dos pictogramas ou ainda das partituras de música.

Para Kleiman (2007), a leitura consta, basicamente, em quatro passos: a visualização - um processo descontínuo, uma vez que o olhar ou a vista não desliza de forma contínua sobre as palavras; a fonação - a articulação oral, consciente ou inconsciente, por meio da qual a informação passa da vista à fala; a audição - a informação passa para o ouvido e; a cerebração - a informação chega ao cérebro e culmina no processo de compreensão.

De acordo com Martins (2006), quando se fala em leitura, logo se imagina alguém lendo algo escrito como: jornal, revista, folheto e etc., sendo mais comum pensar em livro, como se bastasse decifrar as palavras e somente isso fosse o único modo de leitura. Mas a autora explica que há outras maneiras de ler, como os gestos, as expressões faciais, a observação do espaço e do tempo. “Como explicaríamos as expressões de uso corrente ‘fazer a leitura’ de um gesto, de uma situação; ‘ler a mão’, ler o olhar de alguém’, ‘ler o tempo’, ‘ler o espaço’, indicando que o ato de ler vai além da escrita? (op. cit., p. 7)”. Uma prova disso é a reflexão que se faz desde os primeiros contatos com o mundo, ao perceber as diferentes sensações de aconchego, de irritação, de tranquilidade, das canções que embalam o sono, do cheiro, das superfícies que agradam ou desagradam. É dessa maneira que se começa a compreender e aprender a ler tudo que o cerca, naturalmente. “[...] ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie na convivência com os outros e com o mundo (op. cit., p. 12)”.

Para Orlandi (1988), a leitura tem vários sentidos e, em uma acepção mais abrangente, ela é entendida como “atribuição de sentidos” (p. 7), podendo ser utilizada para a escrita e oralidade, sendo possível, na linguagem de qualquer natureza, ter-se leitura. Em sentido restrito, “leitura” pode significar a construção de um aparato teórico e metodológico de um texto e; em sentido bem mais restrito, em se de tratando de escolaridade, a leitura se vincula à alfabetização (ler e escrever) que tem caráter formal. Mas o que delimita os sentidos é a ideia de interpretação e compreensão, assumido pela perspectiva discursiva, como se pode observar nas seguintes reflexões sobre alguns fatos:

o de pensar a produção da leitura e logo a possibilidade de encará-la como possível de ser trabalhada (se não ensinada); b) o de que a leitura, tanto quanta a escrita, faz parte do processo de instrução do(s) sentido(s); c) o de que o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história; d) o de que tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados histórica e ideologicamente; e) o fato de que há múltiplos e variados modos de leitura; f) finalmente, e de forma particular, a noção de que a nossa vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeito de leitura de cada época e seguimento social (ORLANDI, 1988, p. 8).

Diante do exposto, Orlandi (1988) toma como ponto de partida a legibilidade do texto e questiona sobre: “O que torna um texto legível? O que é um texto legível? (p. 8)”. Ela explica que a legibilidade do texto está e não está no texto, que tem objetivo e não apenas uma consequência direta, unilateral e automática da escrita ao contestar a afirmação que: “um texto bem escrito é legível (p. 80)” e, a natureza estabelecida pela base que caracteriza a legibilidade, pois esta, no sentido amplo, é uma questão histórica. “A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade (p. 9)”.

### **3 Práticas de Leitura e Letramento**

Segundo Batista (2011), as práticas de leitura são concebidas às situações de leitura que ocorrerem no ambiente da sala de aula, englobando os significados e os diferentes gêneros que são trabalhados, que amplia o uso da língua escrita, pois é no interior da escola que se buscam subsídios que serão empregados em outras esferas do mundo social e não apenas aprender a ler. E o desafio dos que assumem a responsabilidade de fazer aprender a ler também deve fazer com que o aluno participe da cultura escrita para interagir com textos reais, com o objetivo de buscar a construção de sentidos e da escrita, pois no geral, é necessário trabalhar alternadamente todas as dimensões para completar o aprendizado da leitura.

Ao considerar a natureza e as habilidades que envolvem esses processos, que envolvem o ato de ler, é que se criou um termo que procura definir as práticas que sociedades escritas tem: o “letramento”. Esse termo não é de fácil entendimento, por tentar dar conta de algo complexo. Assim, também não é simples definir o que é um indivíduo letrado.

De acordo com Ramos (2009), para se definir o letramento, deve-se levar em conta habilidades, valores, usos e as funções sociais, que possuem duas dimensões, uma individual e outra social. A individual envolve dois processos que são fundamentais – ler e escrever -, que apesar de serem de natureza distinta, complementam-se e, por conseguinte estão ligados. A dimensão social da leitura tem a função de permitir que o indivíduo ingresse no mundo letrado para construir sua própria cidadania.

A leitura reúne habilidades desde a decodificação de palavras até à compreensão de textos escritos. Na escrita, as habilidades vão da codificação à construção de um texto inteligível. Mas ambas devem ser aplicadas a diferentes materiais, como receitas, catálogos, listas de compras, projetos de pesquisa científica e outras que poderão demandar operações simples ou complexas.

Manguel (1996, *apud* Cosson 2006) chama atenção para o que concerne à leitura, pois esta não está restrita apenas às letras impressas no papel. Existem muitas maneiras de ler e todas elas “compartilham com os leitores de livros a arte de decifrar e produzir signos (p. 38)”. A expansão do significado da leitura está paralela ao interesse que ela desperta em diversas áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Pedagogia, a Linguística e etc. Com isso, evidencia-se um grande avanço no campo da leitura.

[...]. Hoje temos não apenas uma história da leitura, como também uma sociologia da leitura, uma antropologia da leitura, uma psicologia da leitura, além das áreas que tradicionalmente se ocupavam do tema como a pedagogia, a linguística e os estudiosos da literatura e da linguagem em geral. O campo da leitura se expandiu de tal maneira que não se pode mais ter a pretensão de conhecer todas as suas ramificações (COSSON, 2006, p. 38).

Dessa forma, a leitura é tratada como um fenômeno cognitivo e social, em que reúne diferentes teorias em três grupos, de acordo com a síntese feita por Vilson J. Leffa (1999 *apud* COSSON, 2006, p. 39) “em Perspectiva no estudo da leitura: texto, leitura e interação social”. Ele divide as teorias da leitura em três grupos. O primeiro está centrado no texto, em que ler é um processo para extrair o sentido que está no texto. Esse processo é dividido em dois níveis: o nível das letras e palavras na superfície do texto; o outro nível é o do significado, que é o conteúdo do texto.

O segundo grupo focaliza o leitor como o centro da leitura. Essas teorias chamadas de abordagens ascendentes, pois a atribuição do sentido parte do leitor para o texto. É o leitor que elabora hipóteses sobre o conteúdo do texto e, cria estratégias para dizer o texto fundamentado naquilo que já conhece sobre o texto e o mundo.

O terceiro grupo é aquele considerado pelas teorias conciliatórias, em que o leitor é tão importante quanto o texto, sendo a leitura o resultado da interação de ambos. Segundo Leffa (op. cit., p. 40), “trata-se de um diálogo entre autor e leitor mediado pelo texto, que é construído por ambos nesse processo de interação”.

#### **4 Práticas de Leitura na Escola e os PCN<sup>s</sup>**

De acordo com o PCN (1998), uma função da leitura, de extrema importância é desenvolver no aluno a competência leitora, pois com esse aprendizado será colocado em prática todas as leituras necessárias de diversos gêneros, inerentes às demais disciplinas do currículo, permitindo que os alunos se tornem leitores competentes, capazes de selecionar as leituras que atendam às suas necessidades, utilizando estratégias adequadas para abordá-las de maneira consciente.

Também o PCN (1998), recomendam as atividades de leitura espontânea, em que, com a permissão do (a) professor (a), os alunos escolhem livros para lerem e depois contam para os colegas na sala de aula, pois fora da escola, eles escolhem o que querem ler. Por isso, é preciso trabalhar o componente “livre escolha da leitura”, para que, ao saírem da escola, os livros e, conseqüentemente, a leitura não deixe de ter importância na vida deles. Para garantir que essa aprendizagem seja levada adiante e pelo resto da vida em todas as ocasiões onde haja necessidade, a escola deve organizar políticas de formação de leitores em acordo com todos os professores das outras disciplinas e não somente com os professores de Língua Portuguesa.

Vale ressaltar que ensinar o aluno a ler em voz alta e responder algumas perguntas sobre o texto lido, não é suficiente para aprender a ler. É preciso que o professor, ao elaborar suas aulas, deve levar em consideração a realidade e necessidades de seus alunos, para que o ensino-aprendizagem seja mais proveitoso, pois o aluno deve compreender o que lê e saber se posicionar em busca de informações que estão implícitas em dados que não foram fornecidos na superfície do texto. Por isso, devem ser trabalhados textos de diversos gêneros que circulam socialmente.

Segundo o PCN (1998, *apud* CANUTO, 2008), o trabalho didático com a leitura em sala de aula, deve fazer sentido para o aluno com referência ao que lê. Se o objetivo for o de formar leitores capazes de compreender diferentes textos, deve-se organizar trabalho educativo para que experimentem e aprendam na escola; se os alunos leitores não possuem referência de leitura em casa, esse trabalho deverá ser redobrado. “Assim, o trabalho com a diversidade textual permitirá formar leitores competentes” (op. cit., p. 2), com habilidades suficientes de compreensão.

O PCN (1998), também recomenda que, ao iniciar o aprendizado da leitura, deverá excluir a decodificação de códigos. O leitor deve ter noção do que se lê e se ele consegue ter informações claras do que leu. De início, o leitor precisa ter condições de formular hipóteses a partir do título do texto; saber fazer uso de inferências relacionadas ao contexto ou conhecimento prévio que tenha do tema. Para se obter essa eficiência, a prática da leitura deverá ser constante e de diversos tipos de textos, assim como a interação com outros leitores, oportunizando vivenciar diferentes pontos de vista em relação ao texto lido, mediado pelo professor. Conforme o PCN (1998, *apud* CANUTO, 2008, p. 2).

No contexto escolar, a interação com outros leitores criará a oportunidade de vivenciar outros pontos de vista em relação ao mesmo tema lido. O contato com outros leitores experientes promoverá o contato, de fato, com momentos válidos de leitura, propiciando a interação com a diversidade textual. Cabe ao professor mediar essa interação entre os leitores, podendo também constituir-se como “modelo”.

A leitura não se restringe somente à escola e na sala de aula. Ela está presente em todas as esferas sociais, como catalizadora de informações e interações, sempre correspondendo aos objetivos e contextos, como práticas das diversas relações sociais. Por isso, cabe ao professor mediar, permitir e incentivar várias leituras do mesmo texto para que os alunos possam consolidar suas estratégias, possibilitando a avaliação do sentido construído pelo aluno.

A prática da leitura para que seja eficiente é preciso despertar no aluno a vontade de ler e o professor deve mobilizá-lo no sentido de construir significados para as leituras, com os objetivos desejados, pois as aulas de leitura devem ser inovadoras e não mais utilizar o método tradicional, em que ensinar a ler e escrever, não pode mais representar uma simples aula de decodificação. Ainda segundo o PCN (1998, *apud* CANUTO, 2008, p. 3).

[...], o aluno precisa perceber a necessidade diária da leitura nas suas relações sociais. Enfim, formar leitores é uma tarefa árdua, mas necessária para que o leitor competente possa construir sentidos e estabelecer relações com os mais diversos gêneros textuais. Somente práticas de leitura favoráveis consolidarão essa tarefa. Assim, não se deve restringir a leitura somente aos recursos disponíveis dentro da sala de aula. Condições de leitura precisam ser adequadas ao público e à necessidade requerida.

Para Antunes (2003), “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor (p. 66)”, pois é por intermédio da leitura que se buscam as pistas que são capazes de fazer o leitor compreender a comunicação que o autor quer repassar por meio de sinais gráficos, que servem de sinalizadores para que o leitor consiga perceber o que está explícito e implicitamente escrito no texto.

A interpretação e a construção de significados só são possíveis porque o leitor já se apropriou de conhecimentos prévios, que faz ele capaz de adquirir um novo conhecimento, ou seja, enxergar o que está no texto que lê. “Com base neste princípio é que Van Dijk (1984) *apud* Antunes (2003), diz que os textos são inevitavelmente incompletos e que um texto hipercompleto seria incoerente, além de comunicativamente inadequado (p. 67)”, pois todo texto tem uma dependência de conhecimentos anteriores, que também estão atrelados ao uso da língua em que ele foi escrito. “É preciso que o professor entre pelo conhecimento da pragmática, para “abrir” os horizontes com que vai perceber esse jogo da linguagem (p. 69)”, visto que é pela leitura que se tem acesso ao conhecimento e às especificidades da escrita. A partir deste princípio, pode ser desdobrado em três planos fundamentais de relevância.

No primeiro plano, a leitura favorece a ampliação dos repertórios do leitor, que faz com que ele incorpore novas ideias e conceitos às diferentes informações acerca do mundo em sua volta. Por isso, a leitura dos textos escolares de outras disciplinas oportuniza uma significativa

aquisição de novas informações, como, por exemplo, os relacionados à história e à geografia, que ajudam a compor o repertório de informações.

Em segundo plano, a leitura é a possibilidade da experiência do prazer estético gratuito, de ler pelo gosto de ler, admirar, deleitar-se com as ideias e as imagens criadas, para dizer as coisas literariamente de maneira bonita, sem se preocupar, sem prestar contas, pois as palavras podem ser objeto de fruição; não são necessariamente para serem entendidas, mas para serem sentidas como a poesia.

[...]. É para este plano de leitura que se destinam os textos literários: romances, contos, crônicas, poemas (esses sobretudo). Reduzi-los a objetos de análise sintática, a pretexto para exercício de ortografia, por exemplo, é uma espécie de profanação, pois, é esvaziá-los de sua função poética e ignorar a arte que se pretendeu com o arranjo diferente de seus elementos linguísticos<sup>5</sup>. O gosto e o encantamento por esta função poética dos textos literários, como todos os outros gostos e encantamentos, precisam ser cultivados, estimulados, exercitados (ANTUNES, 2003, p. 71-72).

No terceiro plano, a atividade da leitura, especificamente, permite compreender o que é típico da escrita principalmente formal, dos textos de comunicação pública. Isso quer dizer, que é pela leitura que se aprende o vocabulário de certos gêneros textuais, de áreas de conhecimento e da experiência, que permite aprender os padrões gramaticais (morfológicos e sintáticos) inerentes à escrita, assim como as formas de organização sequencial (como inicia, continua e termina certos textos), como se apresentam, as formas que assumem dos diversos gêneros textuais escritos. Expor pela leitura bons textos escritos é de fundamental importância para ampliar a competência discursiva da língua escrita.

Segundo Antunes (2003), os alunos têm dificuldade para escrever em razão do pouco contato que eles mantem com os textos, pois as aulas são sob a forma de exposição oral e, são oralmente traduzidas pelo professor, para que eles entendam melhor. Da mesma forma acontece com os exercícios que são lidos e explicados pelo professor. Então, o trabalho de interpretação, dentro dos padrões formais da escrita fica sempre para depois, não ultrapassando a dependência do oral, impossibilitando-os de dominarem a linguagem formal, que é a que os países utilizam para escreverem suas leis, códigos, tratados, regimentos, ensaios científicos e tudo que faz parte da organização de uma nação.

## **5 Metodologia e Análise de Dados**

O método utilizado para a pesquisa foi o qualitativo, com pesquisa direta de campo, por se enquadrar no objetivo e no objeto proposto para a pesquisa. Para Chizzotti (2006), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem o objeto de pesquisa”. Alvarenga (2010), afirma que a pesquisa de campo é a observação da realidade no



lugar natural dos fatos, ou seja, onde se realiza uma pesquisa, que no caso em questão ocorreu em instituições escolares, utilizando o questionário como instrumento para a coleta de dados, com perguntas abertas e fechadas.

As perguntas abertas, segundo Alvarenga (2010, p. 75), “permitem ao informante expressar-se livremente”, enquanto que as fechadas “são apresentadas ao entrevistado duas opções, ou um leque de possibilidades de respostas, das opções, o interrogado escolherá a mais adequada para responder a cada item (op. cit., p. 76)”. Nos questionários aplicados à referida pesquisa, prevaleceram as questões abertas.

A proposta inicial da pesquisa de campo foi de três (3) escolas do município de Macapá-AP, sendo uma escola pública e duas escolas particulares, em que seriam pesquisadas três turmas de 8º Ano (antiga 7ª Série), do Ensino Fundamental II. Junto à coordenação pedagógica de cada escola, foram deixados os questionários para os alunos e professores de Língua Portuguesa, para serem distribuídos e enviados juntamente com o Termo de Consentimento, para que os pais dos alunos, autorizassem que os mesmos participassem da pesquisa.

As coordenações pedagógicas das referidas escolas marcaram data e horário para que a pesquisadora retornasse para receber os questionários respondidos. Na escola pública, a turma pesquisada era de trinta e seis (36) alunos, mas só dezoito (18) devolveram o questionário com as respostas, mais o questionário da professora. Em uma das escolas particulares, a pedagoga informou que por decisão do conselho da escola, a pesquisadora poderia realizar a pesquisa na sala de aula, diretamente com os alunos, acompanhada da supervisora, em virtude de a professora de Língua Portuguesa não se encontrar na escola e, por isso, o horário estava vago. E também foi recomendado que os alunos não precisariam se identificar, com isso, não seria necessário o termo de consentimento. A pesquisa foi feita com cem por cento (100%) dos alunos da turma, ou seja, vinte e nove (29), que participaram com muita receptividade e interesse. O questionário da professora foi entregue em outra ocasião, marcada pela coordenação pedagógica, assim como a devolução.

Uma das escolas particulares, após a coordenação ter entregue o questionário mais o termo de consentimento para os alunos, levarem para os pais autorizarem a participação na pesquisa, só houve o retorno de sete (7) questionários respondidos. Assim como o questionário destinado ao professor de Língua Portuguesa, não houve devolução por parte do professor e, conseqüentemente, à pesquisadora por parte da coordenação. Diante de tal fato, os questionários recebidos dos alunos não foram incluídos para análise da pesquisa, que acabou por incidir somente sobre duas escolas, uma pública e uma privada.

## 5.1 Dados e Análise da Pesquisa

A pesquisa de campo, na modalidade qualitativa, ocorreu no período de 07 de maio a 06 de junho de 2018. Para a coleta de dados, foram utilizados questionários para os alunos, contendo perguntas objetivas (fechadas) e subjetivas (abertas) inerentes à leitura, que foram as seguintes: **1.** *Você gosta de ler? Sim( ) Não( ). Onde você lê?* **2.** *O (A) professor (a) indica livros “paradidáticos” para você lê fora da sala de aula? Sim( ) Não( ) Quais?* **3.** *Você compreende o que lê? ( )Sim ( )Não.* **4.** *Você lê na sala de aula? ( )Sim ( )Não.* **5.** *Os textos que você lê em sala de aula têm relação/coincidem com os que você lê fora da escola? Sim( ) Não( ) Por que?* **6.** *Onde você encontra textos para leitura?*

Também foi destinado um questionário para os professores de Língua Portuguesa, das escolas pesquisadas, contendo seis (6) perguntas, cada uma com questões inerentes ao grau de formação acadêmica, às estratégias e metodologias aplicadas em sala de aula, sendo as seguintes: **1.** *Qual o seu grau de formação? ( )Graduado ( )Especialista ( )Mestre ( )Doutor ( )Pós-Doutor.* **2.** *Quais os livros paradidáticos que você utiliza para a leitura em sala de aula?* **3.** *Quais as estratégias utilizadas para leitura com os alunos?* **4.** *Quais os tipos de leitura são utilizados em sala de aula?* **5.** *Quais os objetivos de trabalhar a leitura com os alunos?* **6.** *Qual “metodologia” você utiliza para incentivar os alunos a lerem?*

As duas escolas que aceitaram participar da pesquisa são doravante identificadas de *Escola 1* (pública) e *Escola 2* (particular), assim como os alunos também foram identificados de “*Alunos da Escola 1*” seguidos das letras do Alfabeto + o nº 1, respectivamente A1, B1, C1, D1, E1, F1, G1, H1, I1, J1, K1, L1, M1, N1, O1, P1, Q1, R1 e, os “*Alunos da Escola 2*” seguidos das letras do Alfabeto + o nº 2, respectivamente A2, B2, C2, D2, E2, F2, G2, H2, I2, J2, K2, L2, M2, N2, O2, P2, Q2, R2, S2, T2, U2, V2, W2, X2, Y2, Z2, AA2, BB2, CC2. E as professoras de Língua Portuguesa, participantes, foram denominadas com suas respostas, de *Professora A da Escola 1* (pública) e *Professora B da Escola 2* (particular), conforme a ordem da respectiva denominação das escolas, sendo essas informações necessárias para a análise das referidas respostas dos questionários.

Na *questão nº 1. Você gosta de ler? Sim( ) Não( ) Onde você lê?* Os ***Alunos da Escola 1*** (*Pública*), deram as seguintes respostas, conforme o quadro abaixo:

<b>Alunos</b>	<b>Respostas dos Alunos da Escola 1 (Pública) - questão nº 1</b>
Aluno A1	Sim. <i>Eu geralmente leio em casa antes de dormir, mas também leio em meus tempos vago.</i>
Aluno B1	Sim. <i>Em casa, na escola, no ônibus.</i>
Aluno C1	Sim. <i>Eu leio na escola nos paradidáticos.</i>

Aluno D1	<i>Sim. Em casa, às vezes na livraria etc.</i>
Aluno E1	<i>Sim. Principalmente em casa</i>
Aluno F1	<i>Sim. Em casa ou na escola.</i>
Aluno G1	<i>Eu leio quando estou na minha casa ou na escola ou no meu tempo livre também</i>
Aluno H1	<i>Sim. Nesses últimos dias eu estou lendo mais na sala de aula <u>mais</u> eu leio às vezes na minha casa também.</i>
Aluno I1	<i>Sim. Eu prefiro ler em minha casa, pois é mais sossegado.</i>
Aluno J1	<i>Sim. Em casa, na casa de minha avó, na escola e na praça.</i>
Aluno K1	<i>Sim. Na escola, em casa.</i>
Aluno L1	<i>Sim. Para onde vou levo o livro.</i>
Aluno M1	<i>Sim. Em casa.</i>
Aluno N1	<i>Sim. Leio em casa e na escola.</i>
Aluno O1	<i>Sim. A maioria das vezes em casa, mas também leio na escola.</i>
Aluno P1	<i>Sim. Na bibliotec.</i>
Aluno Q1	<i>Sim. Na escola, em casa, apenas.</i>
Aluno R1	<i>Sim. Em casa.</i>

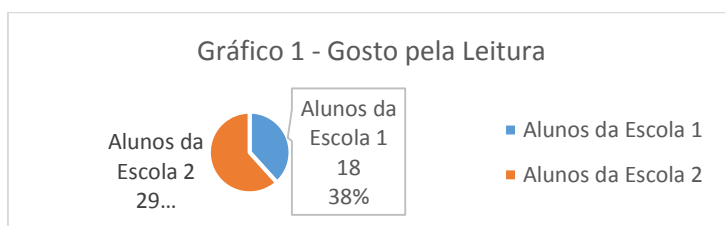
Os **Alunos da Escola 2 (Particular)**, deram as seguintes respostas, conforme o quadro abaixo:

<b>Alunos</b>	<b>Respostas dos Alunos da Escola 2 (Privada) - questão 1</b>
Aluno A2	<i>Sim. Eu leio muito Gibis, por exemplo: Da Marvel, bc ou Turma da Mônica. Eu leio também na Internet onde encontro notícias do que eu posto.</i>
Aluno B2	<i>Sim. Internet, redes sociais e livros da escola.</i>
Aluno C2	<i>Sim. Eu geralmente leio no celular, mas eu prefiro escrever, no caso, as histórias (narrativas de fantasia) que crio.</i>
Aluno D2	<i>Sim. Eu compro livros nas livrarias e leio em casa.</i>
Aluno E2	<i>Sim. No livro e na Internet.</i>
Aluno F2	<i>Sim. Normalmente esses últimos dias eu não ando lendo, mas eu gosto de ler livros e algumas coisas sobre a Internet.</i>
Aluno G2	<i>Sim. Eu leio em casa e na escola, mas prefiro as coisas que leio em casa.</i>
Aluno H2	<i>Sim. No meu tablete, em livros e algumas revistas.</i>
Aluno I2	<i>Sim. Levo para a escola, quando saio para algum lugar calmo para que eu possa entender o que o livro relata.</i>
Aluno J2	<i>Sim. Leio na minha casa e bem pouco na escola.</i>
Aluno K2	<i>Sim. Na escola.</i>
Aluno L2	<i>Sim. No livro.</i>
Aluno M2	<i>Sim. Eu gosto de ler no meu quarto, em silêncio. Eu leio histórias no meu celular (livros virtuais).</i>
Aluno N2	<i>Sim. Em livros virtuais e livros comprados em livrarias.</i>
Aluno O2	<i>Sim. Leio em livros.</i>
Aluno P2	<i>Sim. Na Internet e em alguns livros</i>
Aluno Q2	<i>Sim. Leio na escola, em casa mas geralmente nos livros e no tablet.</i>
Aluno R2	<i>Sim. Nos livros e na Internet</i>
Aluno S2	<i>Sim. No computador e em livros.</i>
Aluno T2	<i>Sim. Na Internet, em livros</i>
Aluno U2	<i>Sim. Eu leio em livro.</i>
Aluno V2	<i>Sim. Em livros e na Internet.</i>
Aluno W2	<i>Sim. Leio em livro e no computador</i>
Aluno X2	<i>Sim. Normalmente eu leio no computador ou celular, sobre coisas</i>

	<i>que eu gosto</i>
Aluno Y2	<i>Sim. Normalmente pelo livro ou as vezes pelo telefone</i>
Aluno Z2	<i>Sim. No celular, mensagem eletrônica.</i>
Aluno AA2	<i>Sim. No meu quarto, livros físicos e digitais.</i>
Aluno BB2	<i>Sim. Celular e no notebook</i>
Aluno CC2	<i>Sim. No celular e nos livros”.</i>

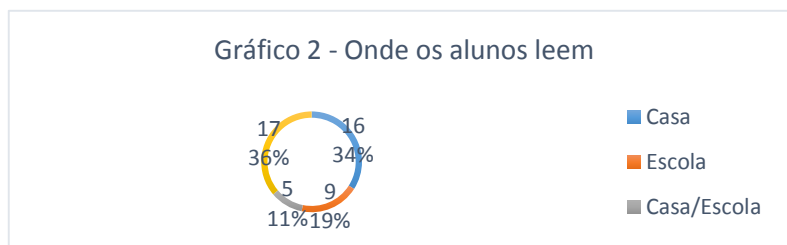
Os gráficos a seguir, são para demonstrar os resultados obtidos detalhadamente em quantidades e percentuais atingidos por cada questão analisada, por meio da pesquisa de campo realizadas em duas escolas.

**Gráfico 1** – Relativo à questão nº 1 do questionário dos alunos.



No gráfico 1 acima, que aborda o “gosto pela leitura”, constatou-se que entre os alunos das duas escolas pesquisadas, num total de quarenta e sete (47), sendo dezoito (18) alunos, que representam um percentual de 38% e; vinte e nove que representa o percentual de 62%. Então, pode-se afirmar, que cem por cento 100% dos alunos participantes da pesquisa gostam de ler.

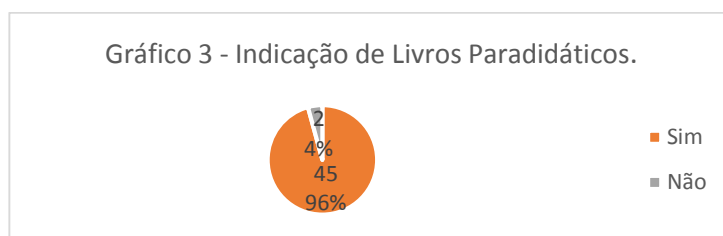
**Gráfico 2** – Relativo à continuação da questão nº 1 do questionário dos alunos.



O gráfico 2, conforme demonstração acima, aponta o “local onde os alunos pesquisados leem” e, constatou-se que dos quarenta e sete (47), dezesseis (16) alunos disseram que leem em suas casas, representado por 34% do total; nove alunos (9) representando dezoito por cento (19%), disseram que leem na escola, ou seja, na sala de aula; cinco (5), que representa onze por cento (11%), afirmaram em suas respostas, que leem em casa e na escola e; dezessete (17) alunos em um percentual de trinta e seis (36%), leem em outros locais, “Koch e Elias (2011), enfatizam que se aprende a ler, lendo e vivendo”, que segundo as respostas deles, inclui biblioteca, livraria, ônibus e praças. Nas palavras das autoras acima citadas: “Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele (p. 15)”. A leitura é de muita importância na vida das pessoas, tanto que é necessário cultivar o hábito de ler entre crianças e jovens.

A *questão nº 2*, incide sobre a ‘*indicação de livros paradidáticos*’ pela professora, para leitura fora da escola. Noventa e seis por cento (96%) dos alunos das duas escolas pesquisadas, responderam que SIM, há indicação de livros por parte da professora e; dois por cento (2%) disseram que NÃO há indicação. E quanto quais os livros são indicados, os *Alunos da Escola 1 (Pública)*, citaram: “Poderosa”, “Meu primeiro beijo”, “Quando o Sol encontra a Lua”, “Meu irmão Negro”, “Sempre haverá um amanhã” e a “Marca de uma Lágrima”. *Batista (2011)*, diz que as práticas de leitura são concebidas às situações de leitura que ocorrerem no ambiente da sala de aula, englobando os significados e os diferentes gêneros que são trabalhados”. E os *Alunos da Escola 2 (Particular)*, foram unânimes em responder como única indicação de livro paradidático “Macapacarana”.

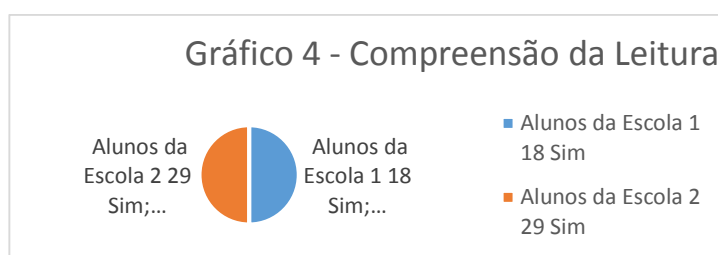
**Gráfico 3** – Referente à questão nº 2 – Indicação de Livros Paradidáticos



A questão referente ao *gráfico 3*, discute sobre a indicação de “*livros paradidáticos*” por parte das professoras de Língua Portuguesa, das duas turmas de 8º Ano, das duas escolas que fizeram parte da pesquisa, que somou um total de quarenta e sete (47) alunos. Desses, quarenta e cinco (45), que representa noventa e seis por cento (96%), afirmaram haver indicação de paradidáticos e; dois (2) alunos, ou seja, quatro por cento (4%), disseram não haver indicação.

A *questão nº 3*, é sobre a “*compreensão da leitura*”, para marcar *Sim* ou *Não*, ou seja, se compreende ou não o que lê. Os participantes das pesquisas, das duas (2) escolas somaram um total de quarenta e sete (47) alunos e, todos responderam SIM, que compreendem o que leem.

**Gráfico 4** – Referente à questão 3 – Compreensão da Leitura

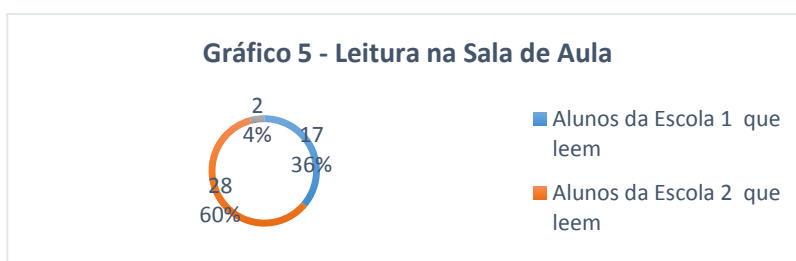


Conforme o *gráfico 4* acima, que trata da “*compreensão da leitura*”, todos os alunos, que participaram da pesquisa, tanto os dezoito (18) Alunos da Escola 1, quanto os vinte e nove

(29) Alunos da Escola 2, foram unânimes em responder, que *compreendem o que leem*, atingindo um percentual 100% (cem por cento). “A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem (PCN, 1998, p. 69). A citação do PCN reafirma a resposta sobre a compreensão da leitura pelos alunos.

Na *questão nº 4*, foi pesquisado sobre a leitura na sala de aula. Da *Escola 1 (Pública)*, dezessete (17) alunos responderam SIM, que leem na sala de aula e, um (1) disse que não lê em sala. E os alunos da *Escola 2 (Privada)*, vinte e oito (28) responderam SIM e um (1) respondeu que NÃO lê na sala.

**Gráfico 5** – Referente à questão nº 4 – Leitura na sala de aula.



O *gráfico 5* acima, representa o resultado da análise da “*leitura na sala de aula*”, incluindo os alunos das duas escolas pesquisadas, nas duas turmas de 8º Ano, num total de quarenta e sete (47), em que dezessete (17) *Alunos da Escola 1*, disseram que leem na sala de aula, representados por trinta e seis por cento (36%); vinte e oito (28) *Alunos da Escola 2*, também afirmaram que leem na sala de aula, sendo sessenta por cento (60%) e; dois alunos, um (1) da *Escola 1* e um (1) da *Escola 2*, disseram que não leem na sala de aula, representados pelo percentual de (4%) quatro por cento do total de alunos participantes. De acordo com o PCN (1998), “*Essa atividade só poderá ocorrer com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, favorecendo a circulação de informações*” (p. 70). A leitura na sala de aula é mediada com a participação ativa do professor, que é o responsável pelas estratégias de organização e aplicação da prática aos alunos.

A *questão nº 5* é sobre a *coincidência dos textos lidos na sala de aula com os que os alunos leem fora da escola*. “*Os textos que você lê em sala de aula, tem relação/coincidem com os que você lê fora da escola? Sim( ) Não ( ) Porque?*”.

Os *alunos da Escola 1 (Pública)*, deram as seguintes respostas, conforme o quadro abaixo:

Alunos	Respostas dos Alunos da Escola 1 (Pública) – questão 5
Aluno A1	<i>Não. Porque os livros que eu gosto de ler são mais fantasias.</i>
Aluno B1	<i>Sim. Porque são os temas, porque fala de racismo e o atual preconceito..</i>
Aluno C1	<i>Sim. Para eu, leio vários livros iguais os paradidáticos.</i>
Aluno D1	<i>Não. Porque na escola eu leio livros didáticos em outros lugares não.</i>
Aluno E1	<i>Não. Porque eles abordam temas distintos.</i>

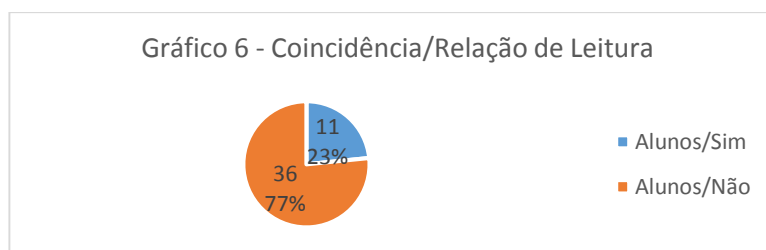
Aluno F1	<i>Não. Eles são muito diferentes.</i>
Aluno G1	<i>Sim. Alguns livros coincidem muito com o nosso dia a dia e nossas vidas também.</i>
Aluno H1	<i>Não. Porque leio alguns livros que tem conteúdos diferentes uns dos outros.</i>
Aluno I1	<i>Não. Porque os livros que eu leio puxam mais para o lado imaginativo.</i>
Aluno J1	<i>Não. Porque fora da escola eu leio outras coisas, tipo: Fantiq, livros de contos, histórias em quadrinhos e etc. na escola eu leio livros recomendados pelos professores, os livros são completamente diferentes.</i>
Aluno K1	<i>Não. Porque é fora do comum às vezes.</i>
Aluno L1	<i>Sim. Porque alguns são de romance.</i>
Aluno M1	<i>Não. Eu leio alguns.</i>
Aluno N1	<i>Não. As coisas que eu leio não são para estudo e sim para entretenimento.</i>
Aluno O1	<i>Sim. De vez em quando conversamos sobre assunto de estudo em casa.</i>
Aluno P1	<i>Não. Porque fora da sala de aula os livros tem mais ficção.</i>
Aluno Q1	<i>Sim. Às vezes é um assunto, preciso reler em casa.</i>
Aluno R1	<i>Não. Porque leio em sala.</i>

Os alunos da Escola 2, que participaram da pesquisa, deram suas respostas conforme o quadro abaixo:

<b>Alunos</b>	<b>Respostas dos Alunos da Escola 2 (Privada) – questão 5</b>
Aluno A2	<i>Sim. Pois algumas coisas podem ter o mesmo assunto para falar, o mesmo tema e etc..”.</i>
Aluno B2	<i>Não. Fora da escola eu costumo ler mais na Internet, redes sociais, sites.</i>
Aluno C2	<i>Sim. Mas apenas alguns, pois alguns textos da escola, eu releio em casa para fixar o aprendizado.</i>
Aluno D2	<i>Não. Porque há muitos livros que leio que são em relação à mitologia, ciências, física, filosofia, que ainda não está sendo lido em sala de aula.</i>
Aluno E2	<i>Não. Os livros que eu leio em casa são de matéria e ação e os que leio na escola são histórias de vida.</i>
Aluno F2	<i>Não. Pois eu leio coisas diferentes e na escola lemos para as atividades.</i>
Aluno G2	<i>Não. Porque os que eu leio em casa são mangos, bq, revistas e algumas notícias de desenho.</i>
Aluno H2	<i>Não. Tem outros temas que falam sobre coisas diferentes.</i>
Aluno I2	<i>Não. Na sala de aula leio mais livros educativos, ou mais na realidade. Já em casa livros de ação ou ficção científica.</i>
Aluno J2	<i>Não. Porque os textos são de assuntos diferentes do que lemos em sala de aula.</i>
Aluno K2	<i>Não. Não gosto muito de ler textos crônicos, textos dramáticos e prefiro assistir.</i>
Aluno L2	<i>Não. Porque eu leio mais romances.</i>
Aluno M2	<i>Sim. Muitos dos textos que lemos estão relacionados às críticas sociais, coisas do cotidiano, além de nos prepararem para o futuro.</i>
Aluno N2	<i>Não. Porque na escola os textos são mais sérios, e em casa não, é mais de comédia.</i>
Aluno O2	<i>Sim. Porque tem no texto sempre tem algo relacionado ao nosso cotidiano.</i>
Aluno P2	<i>Não. Porque a maioria dos textos que a gente lê é assunto.</i>
Aluno Q2	<i>Não. Pois os textos lidos em sala de aula, não coincidem com os textos que gosto de ler.</i>
Aluno R2	<i>Não. Porque eu gosto de outros tipos de livros.</i>
Aluno S2	<i>Não. Porque gosto de histórias científicas, que não são reais, tipo vampiros.</i>
Aluno T2	<i>Não. Por causa dos assuntos diferentes.</i>
Aluno U2	<i>Não. Porque eu leio muitas histórias de comédia então eu não leio muito o que indicam na escola.</i>
Aluno V2	<i>Não. Na escola são paradidáticos e textos relacionados ao conteúdo.</i>
Aluno W2	<i>Sim. Porque alguns textos do livro repassam uma ideia que se encontra em outros meios de leitura fora da sala de aula.</i>

Aluno X2	<i>Não. As coisas que eu leio fora da escola, não tem relações com as disciplinas.</i>
Aluno Y2	<i>Não. Porque os que são repassados não tem muita relação com os temas que eu gosto de ler.</i>
Aluno Z2	<i>Não. Por serem mais relacionados às atividades.</i>
AlunoAA2	<i>Não. Eu prefiro outros livros do que a escola passa, Percy, Fadron, Herry Potter, Diário de um Banana etc. e, os que a escola passa são histórias que não são interessantes para mim.</i>
AlunoBB2	<i>Não. Porque é um assunto diferente.</i>
AlunoCC2	<i>Não. Porque os livros que leio na escola são simples e não tem muitas aventuras como o livro que leio em casa.</i>

**Gráfico 6** – Referente à questão nº 5 sobre a coincidência/Relação de Leitura



O gráfico 6 acima, representa o resultado da “coincidência/relação de leitura”, entre o que o aluno lê na sala de aula e o que lê fora. Dos quarenta e sete (47) alunos das duas escolas, onze (11), que é igual a vinte e três por cento (23%) responderam que há coincidência e; trinta e seis alunos, que representa setenta e sete por cento (77%), disseram não haver coincidência de leituras, pois, estas são de temas distintos. *Observação:* a questão número 6 do questionário dos alunos, não fez parte da transcrição das respostas, por entender-se que foi respondida pela questão de número dois (2), acima citada.

Quanto ao questionário destinado às *Professoras da Escola 1 e da Escola 2*, das escolas pesquisadas, responderam da seguinte maneira: Na questão 1, foi sobre a *formação acadêmica*. Tanto a *Professora da Escola 1* quanto a *Professora da Escola 2*, tem formação acadêmica a nível de Especialização, que condiz com o PCN (1998, p. 67), ao enfatizar que:

A formação de professores se coloca, portanto, como necessária para que a efetiva transformação do ensino se realize. Isso implica revisão e atualização dos currículos oferecidos na formação inicial do professor e a implementação de programas de formação continuada que cumpram não apenas a função de suprir as deficiências da formação inicial, mas que se constituam em espaços privilegiados de investigação didática, orientada para a produção de novos materiais, para a análise e reflexão sobre a prática docente, para a transposição didática dos resultados de pesquisas realizadas na linguística e na educação em geral.

A *questão nº 2* investigou sobre quais os *livros paradidáticos* utilizados para leitura em sala de aula. A *Professora da Escola 1 (Pública)*, respondeu que neste bimestre (maio e junho/2018), na turma pesquisada, ela citou o livro “*Poderosa*” volume 1. A *Professora da Escola 2 (Particular)*, citou a obra literária “*O Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente. O*



PCN (1998), recomenda que nos últimos ciclos do Ensino Fundamental II, deve-se expandir os conhecimentos adquiridos pelos alunos, nos ciclos anteriores, principalmente os condizentes aos textos literários, “a tarefa da escola, nestes ciclos, é, além de expandir os procedimentos básicos aprendidos nos ciclos anteriores, explorar, principalmente no que se refere ao texto literário, a funcionalidade dos elementos constitutivos da obra e sua relação com seu contexto de criação (p. 71)”. Dessa forma, o trabalho das professoras da *Escola 1 (Pública)* e da *Escola 2 (Particular)*, no que se refere à leitura de paradidáticos, está condizente com o documento oficial para o Ensino Fundamental II.

Na *questão nº 3*, a investigação pairou sobre as *estratégias* utilizadas para leitura com os alunos em sala de aula. A *Professora da Escola 1 (Pública)*, descreveu da seguinte maneira: “Direciono duas aulas durante a semana para fazer a leitura em conjunto, todos os alunos da turma participam após a leitura do capítulo acontece o comentário conjunto e como atividades o aluno faz o comentário escrito do capítulo ou capítulos vistos em sala”. As *estratégias* da *Professora da Escola 1*, sobre a prática de leitura na sala de aula, são de acordo com o PCN (1998), “validar ou reformular as hipóteses levantadas a partir das novas informações obtidas durante o processo da leitura; confrontá-lo com outras opiniões; posicionar-se criticamente diante dele (p. 56-57)”. A *Professora da Escola 2 (Particular)*, respondeu: “Leitura compartilhada e individual. Roda de leitura: Reflexão sobre atitudes e intenções dos personagens”. PCN (1998), “É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (p.69-70)”. A citação condiz com as *estratégias* da *Professora da Escola 2*, pois a leitura compartilhada ou individual necessita da compreensão, interpretação e reflexão por parte dos alunos, a fim de alcançar os objetivos propostos pelos professores, principalmente de língua Portuguesa, para o ensino/aprendizagem da leitura, que contribui para a compreensão das outras disciplinas curriculares.

A *questão nº 4*, versou sobre quais *tipos de leitura* são utilizados em sala de aula. A *Professora da Escola 1 (Pública)*, escreveu: “Além dos paradidáticos, é utilizado temas transversais sugeridos: Racismo, Bullying, Ética, Corrupção”. A *Professora da Escola 1*, além dos livros paradidáticos, que compõem a disciplina de Língua Portuguesa, em que o objetivo principal de partida é a leitura, ainda utiliza os temas transversais, que fazem parte da formação da cidadania e integração dos alunos a vários temas que são vivenciados no dia a dia. Conforme o (PCN, 1998, v. 8), “A educação para a cidadania requer que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas

*convencionais (p. 25)*”. Então, a prática de leitura na sala de aula, contempla temas que são essenciais ao conhecimento e desenvolvimento intelectual dos alunos. Isso mostra que a *professora da Escola 1 (Pública)* está atualizada com as exigências dos Parâmetros Curriculares Nacionais. A *Professora da Escola 2 (Particular)*, escreveu: “*Obras Literatura Portuguesa e Brasileira*”. Cosson (2006), “*Um fator fundamental para o contato dos alunos com o texto literário, diz respeito às intermediações de leitura. Dentre as figuras essenciais no processo de mediação do leitor/ texto, talvez recaia sobre a figura do professor a maior responsabilidade no que se refere ao ensino de literatura (p. 17)*”. Diante do exposto e da resposta da Professora da Escola 2, é possível perceber o texto literário como tipo de leitura a ser trabalhada na sala de aula, pois o PCN (1998) diz que os terceiros e quartos ciclos são decisivos para a formação de leitores, passando das leituras em textos infantis e infanto-juvenis para os mais complexos e reais, que circulam na sociedade. “*Essa atividade só poderá ocorrer com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, favorecendo a circulação de informações (PCN, 1998, p. 70)*” contextualizando com a atualidade. Vale ressaltar que, além do texto literário, a professora da Escola 2, também deve selecionar outros textos que façam referência a temas transversais condizentes com o dia a dia, que serão de grande importância para a formação da cidadania de modo geral, conforme recomenda o PCN (1998).

A *questão nº 5* está relacionada aos *objetivos* de trabalhar a leitura com os alunos. A *Professora da Escola 1 (Pública)* respondeu que: “*Seria de promover a integração entre aluno/livro, com vistas à formação de leitores; utilizar o tema do livro ou texto como motivo para discussão e reflexão; observar a compreensão e interpretação, trabalhar a coesão e coerência em seus textos*”. A *Professora da Escola 2 (Particular)* respondeu que é: “*Explorar o vocabulário, despertar senso crítico*”. Fazendo referência aos objetivos da leitura para os terceiro e quarto ciclos, do Ensino Fundamental II, contidos no PCN (1998), cita alguns objetivos necessários ao aprendizado de leitura para o aluno, como: “*desenvolver sua capacidade de construir um conjunto de expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero, suporte e universo temático [...], recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.) (p. 49)*”.

A *questão nº 6* aborda sobre a *metodologia* utilizada para incentivar os alunos a lerem. A resposta da *Professora da Escola 1 (Pública)* foi a seguinte: “*Metodologia usada em sala: leitura e discussão sobre o capítulo livro ou outro sugerido em sala, após esse momento cada aluno faz comentário escrito, para apresentar em uma próxima aula, valendo parte de um instrumento de avaliação*”. O PCN (1998), diz que “*a avaliação deve ser compreendida como*

*conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições (p. 93)”. A Professora da Escola 1 está de acordo com as recomendações do documento oficial acima citado, no que se refere à organização metodológica e a avaliação dos alunos quanto ao ensino e aprendizagem da leitura. A Professora da Escola 2 (Particular) não deu nenhuma resposta relativa a essa questão número seis.*

## **6 Considerações Finais**

Diante do exposto sobre o desenvolvimento deste trabalho, constatou que a leitura de modo geral é praticada pelos alunos que foram investigados, pois o que se pretendia era saber se realmente os alunos leem de alguma forma. Verificou-se que os alunos leem na escola, em casa e em diversos lugares e, por meio de diversos instrumentos de leitura, como livros impressos e digitais, fazendo uso das tecnologias da informação com auxílio de objetos conectados à Internet, como computador, notebook, tablet, celular etc. Mas também foi constatado que um percentual muito alto de alunos que afirmou que as leituras feitas na escola nem sempre têm relações com as que eles leem fora da sala de aula.

Dessa forma, todas as leituras feitas pelos alunos em ambientes diferentes são privilegiadas e muito importantes para a formação social, pois na escola, elas são programadas para cumprirem um cronograma com carga horária definida e fora os alunos são livres para escolherem outros tipos de leituras. De forma geral, as escolas pesquisadas trabalham com leituras diferenciadas, apesar de em alguns momentos, ter-se percebido uma valorização dos textos literários sobre outros textos que seriam igualmente relevantes do ponto de vista social.

Quanto às professoras pesquisadas, os resultados das questões inerentes à formação acadêmica, as estratégias e as metodologias se mostraram condizentes com o nível de ensino e as orientações dos PCN<sup>s</sup> para o Ensino Fundamental II, nos terceiros e quartos ciclos, visto que os professores são os responsáveis diretos por mediar o ensino/aprendizagem dos alunos. Desse modo, recomenda-se outras pesquisas no campo da leitura e, que este trabalho seja de relevância para a reflexão de outros pesquisadores, assim como a comunidade acadêmica.

## **Referências**

- ALVARENGA, Esterbina Miranda de. **Metodologia da Investigação quantitativa e qualitativa**. – 3<sup>a</sup>. ed. – Assunção-Paraguai: Faz, 2010.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontros & interação**. – São Paulo-SP: Parábola, 2003.

BATISTA, A. A. G. **Alfabetização, leitura e ensino de português:** perspectivas curriculares. Revista de Educação. Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da UFRJ, nº 12, p. 9-35, agosto, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Língua Portuguesa:** Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. - Brasília, 1998.

CANUTO, Maurício. **Leitura:** um contraponto entre a fala do professor e o silenciamento da voz do aluno. 2008 Monografia (Especialização) – Centro de Pós-Graduação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2008.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário:** teoria e prática. São Paulo-SP: Contexto, 2006.

KLEIMAN, Ângela. **Texto & Leitor:** aspectos cognitivos da leitura. – 10<sup>a</sup>. ed. – Campinas-SP: Pontes, 2007.

KOCK, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. – 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura.** – 19 ed. - São Paulo-SP: Brasiliense, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelle. **Discurso e Leitura.** São Paulo-SP: UNICAMP, 1988.

RAMOS, Hélio Castelo Branco. **Revista ao Pé da Letra:** O Letramento Literário no Livro Didático do Ensino Médio. – vol. 11.1. – Universidade Federal de Pernambuco, 2009.